



Crônica

COM OBDULIO E GALEANO, EM MONTEVIDÉU

Francisco Bicudo¹

RESUMO: Esta crônica é uma homenagem do autor ao Uruguai, sendo uma oportunidade de não só recordar, mas homenagear os ídolos, a cidade de Montevideú e o próprio futebol.

PALAVRAS-CHAVE: *Eduardo Galeano. Futebol. Maracanazo. Obdulio Varela. Uruguai.*

¹ Jornalista e Mestre em Ciências da Comunicação, ambos pela ECA-USP, além de docente na Universidade Anhembi-Morumbi. Também é autor dos livros *Crônicas Boleiras* (2016) e *Memórias de um Copa no Brasil* (2014), ambos pela Chiado Editora. E-mail: chicobicudo2@gmail.com

Cheguei de leve, suave, pé ante pé, para não assustar. A camisa celeste amassada, marcas de terra ainda visíveis, número cinco vermelho nas costas. Respeito. O busto de Obdulio Varela, conhecido como 'El Negro Jefe', o capitão uruguaio que levantou a Taça Jules Rimet em 1950, em pleno Maracanã. Olhar altivo, firme, imponente. Um vencedor. Bravo guerreiro. Volante das antigas. Jogar contra ele não deve mesmo ter sido fácil. Assusta. A oportunidade era única. Não podia perdê-la. Ali, tão perto, achei por bem ter uma conversinha ao pé do ouvido. De boleiro para boleiro. Falei bem baixo, quase sussurrando. Capitão, antes de mais nada, minha admiração. Você faz parte do Olimpo do futebol. Sou Chico Bicudo, brasileiro apaixonado por esse esporte jogado com os pés, santista de coração. Isso mesmo, o Santos de Pelé. Concordo. O maior de todos os tempos. Você gostaria de tê-lo enfrentado? Duelo de titãs. Sabe, Obdulio - posso chamá-lo assim? -, não discuto a justiça do título de 50. O Uruguai foi merecedor. Não importa se foi na catimba, amarrando o jogo, com cusparada na cara do Bigode, farta distribuição de pontapés, faltas a granel, retranca para segurar o poderoso ataque brasileiro, jogadas rápidas e certeiras pelas pontas para resolver a peleja. Tecnicamente, talvez a nossa seleção fosse melhor, mais habilidosa. Mas o salto ficou muito alto. Exageramos. Entramos em campo com a faixa no peito. Achamos que vocês não seriam páreo para Zizinho e Ademir Menezes. A torcida foi arrogante nas arquibancadas. Vocês fizeram valer a velha garra uruguaia. Genial aquela sua ideia de esperar para entrar em campo no exato momento em que o escrete amarelo também o fazia, para aproveitar os aplausos e os fogos e escapar das vaias. Tudo isso é história. Mas minha pergunta é: precisava ser naquele 16 de julho? Justo no Maraca? Doeu. Feriu de morte a alma brasileira. Cresci ouvindo a saga do Maracanazo. O fantasma celeste nos assombra até hoje. Tudo bem, você tem razão, o monstro que mais atormenta atualmente o futebol brasileiro veste a camisa da Alemanha. Precisava lembrar? Como? Não entendi... vocês falam muito rápido. Ah, sim. Eu sei, eu sei, já ouvi dizer e li que você ficou profundamente chocado depois do jogo, quase arrependido quando andou pelo Rio de Janeiro e encontrou uma cidade vazia e aos prantos. Desculpas? Nada disso, campeão. Assim é o futebol. Feito de glórias e de traumas. Foi só um desabafo mesmo, aproveitei que estávamos aqui em Montevideú, Museu do Futebol, você aí sozinho, livre e à disposição para um papo. Tudo certo. E

pena que você não jogou no meu Santos, na década de 60. Jogar com Pelé, não contra ele. Muito melhor. Já imaginou? El Negro Jefe abriu um sorriso. E recitou, sem tropeçar ou gaguejar - 'Zito e Obdulio. Dorval, Mengálvio, Coutinho, Pelé e Pepe'. Não me contive. Puta merda, que time é esse! Tasquei-lhe um abraço. Ele retribuiu, efusivamente. Fica bem, capitão. Até a próxima. O busto de Obdulio Varela - e várias outras referências feitas ao herói nacional - estão entre as principais atrações do Museu do Futebol, que fica debaixo das tribunas olímpicas do Estádio Centenário. É mais tradicional e menos tecnológico e interativo que o irmão do Brasil, que fica no Pacaembu. Por aqui, encontramos flâmulas, camisas, chuteiras e bolas de jogos históricos, réplicas de taças conquistadas pela Celeste, o cartaz original da Copa de 1930 e fotos, muitas fotos - algumas em enormes painéis em preto e branco - que preservam a memória boleira uruguaia. É também possível acessar as arquibancadas do estádio. Para um torcedor apaixonado, estar nas cadeiras do Centenário é algo mágico, transcendental. Seria como poder tocar o sabre de luz de Luke Skywalker, para um fã de Star Wars, ou manipular a varinha das varinhas, no caso de um potter maníaco. Foi só o aperitivo. Amanhã estaremos de novo no estádio, para ver Peñarol x Nacional, o grande clássico da cidade. Obdulio estará sentado ao meu lado. Combinamos de ver juntos. Vamos comentar a partida. E cornetar. Sempre de auto-bus, chegamos à Cidade Velha. A parada seguinte foi no Museu Gurvich, para conhecer e apreciar de perto a obra do pintor e ceramista José Gurvich, nascido na Lituânia e que chegou ao Uruguai com cinco anos, em 1932. São quadros, murais, artesanato e trabalhos em madeira que retratam o cotidiano do Cerro, um bairro operário e de imigrantes onde ele viveu, além de referências aos valores e tradições do judaísmo. Luiza e Daniel gostaram muito de um quadro chamado "Os sete pecados capitais", explosão misturada e caótica de imagens de seres humanos e animais a representar gula, avareza, luxúria, ira, inveja, preguiça e vaidade. 'Pai, a gente pode sempre fazer essas viagens internacionais legais', sugeriu Daniel. Tomara que sim, filho. Final da tarde, estivemos ainda no Museu Torres Garcia, um dos pioneiros das artes contemporâneas uruguaias, mestre de tantos outros artistas locais, incluindo Gurvich. A obra dele mistura pinceladas do universo greco-romano com traços modernistas e está preservada num casarão antigo com quatro andares, a poucos metros da porta de entrada da Cidade Velha. 'O que mais me chamou a atenção foram as pinturas e desenhos sobre Nova Iorque", registrou Luiza. É mais um

passeio recomendadíssimo para quem visita a capital uruguaia. Para descansar as perninhas (como andamos por aqui!), entre um museu e outro estacionamos a caravana no Café Brasileiro, o mais antigo da cidade, fundado em 1877, e onde o escritor Eduardo Galeano tinha mesa cativa, grudada num dos janelões com vista privilegiada para a rua. Pedi um capuccino. Brisei, como dizem os meninos. Fui longe. Vi Galeano chegando e tomando assento. Acenou para o garçom, velho conhecido. Pediu 'o de sempre, por favor'. Abriu um caderninho e começou a fazer anotações. Acho que ele percebeu minha inquietação. Com sutil movimento de cabeça, convidou-me a sentar com ele. 'Olá, boa tarde, sou Chico Bicudo, brasileiro e admirador de sua obra'. Amenidades, para começar. Depois de uns dez minutos falando sobre o tempo, as belezas de Montevideú, a seleção brasileira, o Santos, criei coragem e dei vazão ao sangue jornalístico. 'Mestre, perdão, mas são muitas minhas dúvidas. Angústias, na verdade. O ciclo das esquerdas está mesmo chegando ao fim na América do Sul? Viveremos nova onda neoliberal? O fascismo está avançando? E a crise na Venezuela? Macri na Argentina? A tentativa de golpear Dilma do poder? Foram experiências sociais que vamos perder?'. Ele ouviu tudo com muita atenção. Fechou o caderno, colocou a caneta de lado. Pousou a mão no meu ombro. Respirou fundo. 'A conversa é longa. Tens paciência? Tempo?'. Ajeitei-me na cadeira. 'Garçom, por favor, uma cerveja. Bem gelada'. Silêncio. Galeano começou a falar pausadamente sobre as veias abertas da América Latina. As antigas e as novas.